

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

Capítulo “Introduzindo a Fonética e a Fonologia”

1. O capítulo “**Introduzindo a Fonética e a Fonologia**” se ocupou de discutir as convergências e as divergências entre Fonética e Fonologia. Vimos que alguns aspectos estão mais relacionados a uma ou à outra linha de pesquisa. Leia as informações a seguir e diga se elas correspondem mais à Fonética ou à Fonologia.

		Fonética	Fonologia
a.	Observa a fisiologia dos órgãos e a participação deles na produção dos sons.	X	
b.	Considera a organização dos sons nas diferentes línguas.		X
c.	Apresenta um caráter experimental.	X	
d.	Examina os sons sob a ótica do ouvinte, ou seja, de sua percepção.	X	
e.	Observa que sons podem diferenciar uma palavra de outra, como, por exemplo, nas palavras <i>pato</i> e <i>papo</i> .		X
f.	Descreve os sons das línguas e analisa suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas.	X	
g.	Possui como unidade o som da fala ou fone.	X	
h.	Apresenta transcrição entre barras inclinadas.		X
i.	Estuda os sons da fala como entidades físico-articulatórias isoladas.	X	
j.	Determina quais são as unidades distintivas de cada língua.		X

2. Diga quantas letras e sons têm cada palavra:

	Palavras	Letras	Sons
a.	crase	5	5
b.	árvore	6	6
c.	chave	5	4
d.	cão	3	3
e.	palha	5	4
f.	táxi	4	5
g.	mãe	3	3

Capítulo “Fonética”

1. Responda às perguntas abaixo

a) O que determina a divisão do aparelho fonador nas regiões supraglótica e subglótica?

O que determina essa divisão é a laringe, onde se encontram as pregas vocais. Os órgãos que se encontram abaixo da glote são responsáveis pelo suprimento de ar para a geração dos sons da fala. Os órgãos que estão acima da glote são os responsáveis pela caracterização dos sons a partir de seu modo e ponto de articulação. A laringe é a região em que se encontram as pregas vocais, responsáveis pela excitação do trato vocal e pela caracterização dos sons em surdos ou sonoros.

b) Quais são os órgãos passivos e por que são assim denominados?

Os órgãos passivos são o lábio superior, os dentes, os alvéolos, o palato duro, o palato mole e a úvula. São assim denominados pois não se movimentam, mas servem como ponto de encontro dos órgãos ativos durante a articulação de um som.

c) O que significa dizer que nós emitimos os sons com fluxo de ar egressivo?

Significa dizer que os sons do português brasileiro são emitidos quando expelimos o ar dos pulmões.

d) O que quer dizer “fonação”?

Fonação é o processo de passagem do ar pelas pregas vocais, o que vai gerar os sons vozeados e não vozeados. A partir dos movimentos dos articuladores no trato vocal, obtemos os diferentes sons das línguas naturais.

e) Explique a diferença articulatória entre sons sonoros e surdos.

Sons sonoros ou vozeados são aqueles produzidos quando as pregas vocais estão em vibração, ou seja, quando elas estão aproximadas e o ar que passa pela laringe força a abertura das pregas fazendo-as vibrarem, no movimento de abertura e fechamento. Os sons surdos ou não vozeados são aqueles gerados quando as pregas vocais estão afastadas e não há vibração, uma vez que não há impedimento à passagem de ar pela laringe.

2. Classifique as vogais presentes na lista abaixo. Siga o exemplo:

[e]	vogal oral média-alta anterior não arredondada
[ε]	vogal oral média-baixa anterior não arredondada
[a]	vogal oral baixa central não arredondada
[ũ]	vogal nasal alta posterior arredondada
[i]	vogal oral alta anterior não arredondada
[ê]	vogal nasal média-alta anterior não arredondada

3. Identifique, nas palavras abaixo, os ditongos e classifique-os como crescentes ou decrescentes.

<u>me</u> iga: ditongo oral decrescente [ej]
hortê <u>nsi</u> a: ditongo oral crescente [jɐ]
<u>me</u> ia: ditongo oral decrescente [ej]
<u>sé</u> rio: ditongo oral crescente [jʊ]
ide <u>ia</u> : ditongo oral decrescente [ɛj]
<u>ca</u> i: ditongo oral decrescente [aj]
<u>ou</u> tubro: ditongo oral decrescente [ow]
<u>cã</u> o: ditongo nasal decrescente [ẽw]
an <u>õe</u> s: ditongo nasal decrescente [õj]
cont <u>íg</u> uo: ditongo oral crescente [wʊ]

4. Transcreva foneticamente as palavras abaixo e identifique os ditongos, tritongos e hiatos.

mais: ['ma j ʃ] ditongo oral decrescente
linguagem: [l i ˈ g w a z ẽ j] ditongo oral crescente – ditongo nasal decrescente
hierarquia: [j e r a x ˈ k i ɐ] ditongo oral crescente – hiato/[i e r a x ˈ k i ɐ] hiato – hiato
ainda: [a ˈ i d ɐ] hiato
variável: [v a ˈ r j a v ɐ w] ditongo oral crescente – ditongo oral decrescente/[v a r i ˈ a v ɐ w] hiato - ditongo oral decrescente
início: [i ˈ n i s j u] ditongo oral crescente/[i ˈ n i s i u] hiato
princípio: [p r i ˈ s i p j u] ditongo oral crescente / [p r i ˈ s i p i u] hiato
discrepância: [d i ʃ k r e ˈ p ẽ s j ɐ] ditongo oral crescente / [d i ʃ k r e ˈ p ẽ s i ɐ] hiato
ilusão: [i l u ˈ z ẽ w] ditongo nasal decrescente
saí: [s a ˈ i] hiato
Paraguai: [p a r a ˈ g w a j] tritongo

5. Transcreva foneticamente o trecho abaixo, baseando-se no seu próprio dialeto. Depois, identifique os encontros vocálicos e explique o que acontece com os ditongos.

Como podemos observar, alguns métodos, textos e livros têm boas ideias para estimular a consciência fonêmica e facilitar o processo de alfabetização. Com um pouco de criatividade, é possível tornar o aprendizado significativo.

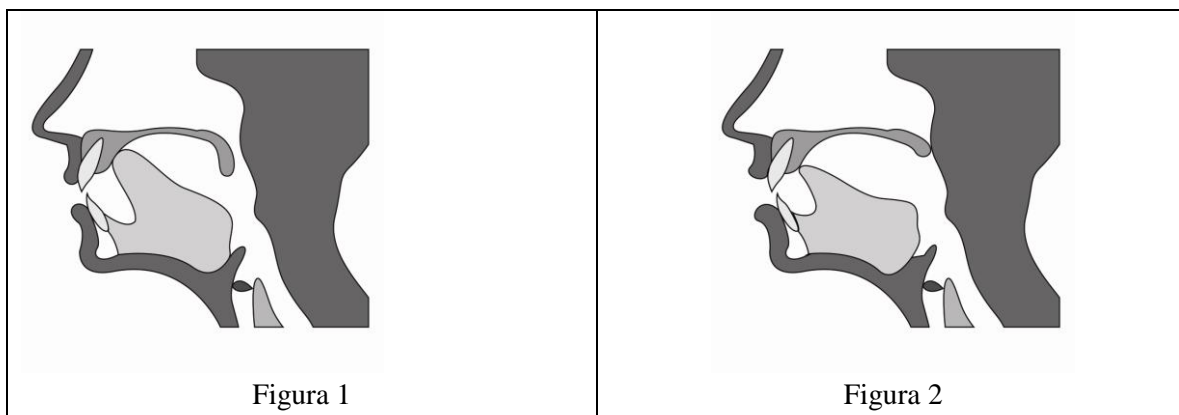
(exemplo: falar florianopolitano)

['komupu'demuzobseɻ'va//aw'gũz 'mɛtuduʃ//tɛʃtuɪɾ'livruʃ//tẽj'boɛzi'dɛjɛʃ'pariʃtimu'
lɛrɛkõsjɛsijɛfo'nemikɛ//ɪfasili'tarupro'sɛsudɾawfabetiza'šɛw// 'kũ'pokudɪkrjativi'
dadɪ//ɛpu'sivewtoɻ'navaprẽdi'zadusigini'fika'tivu]

6. Aponte os órgãos ativos e passivos (véu do palato abaixado ou levantado, pregas vocais vibrando ou não) usados na articulação dos sons a seguir:

[ʃ] o órgão ativo é a lâmina (ou região anterior) da língua e o passivo é a região alveopalatal. O véu do palato está levantado impedindo a passagem de ar pelas cavidades nasais e as pregas estão afastadas, portanto não vibram, pois esse segmento é não vozeado.
[f] o órgão ativo é o lábio inferior e o passivo são os dentes incisivos superiores. O véu do palato levantado impedindo a passagem de ar pelas cavidades nasais e as pregas estão afastadas, portanto não vibram, pois esse segmento é não vozeado.
[r] o órgão ativo é a ponta ou lâmina da língua e o passivo são os alvéolos. O véu do palato está levantado impedindo a passagem da corrente de ar pelas cavidades nasais e as pregas vocais vibram, pois esse segmento é vozeado.
[t] o órgão ativo é a ponta da língua e o passivo são os alvéolos ou os dentes superiores. O véu do palato está levantado impedindo a passagem do fluxo de ar pelas cavidades nasais e as pregas vocais não vibram, pois esse segmento é não vozeado.
[m] o órgão ativo é lábio inferior e o passivo, o lábio superior. O véu do palato está abaixado permitindo a passagem do fluxo de ar pela cavidade nasal, uma vez que esse segmento é nasal; e as pregas vocais estão vibrando, pois esse segmento é vozeado.

7. Classifique os segmentos fonéticos através das duas figuras a seguir. Justifique a sua resposta a partir dos mecanismos de articulação dos sons.



Na Figura 1, temos uma consoante nasal alveolar sonora [n]. É uma nasal, porque o véu do palato está abaixado, permitindo a passagem de ar pela cavidade nasal. Como há uma obstrução à passagem de ar, consideramos que se tem uma produção consonantal e é alveolar porque o ponto em que a ponta da língua toca são os alvéolos. E ainda é sonora porque as pregas vocais estão vibrando (e não há consoantes nasais surdas).

Na Figura 2, temos uma consoante oclusiva alveolar sonora [d]. O véu do palato encontra-se levantado, fazendo com que o ar passe apenas pela cavidade oral. Como há uma obstrução à passagem de ar, consideramos que se tem uma produção consonantal e não de uma vogal. É oclusiva porque a obstrução que ocorre no trato vocal é total. É alveolar porque o ponto em que a língua toca, fazendo a obstrução, são os alvéolos. E, por fim, como as pregas estão vibrando, tem-se a produção de uma consoante sonora.

8. Considerando a forma como você produz os sons das palavras abaixo, selecione aquelas que contêm o som indicado. Transcreva as palavras selecionadas, conforme a sua pronúncia. Siga o exemplo

consoante oclusiva	<u>ç</u> aneça [ka'neke]	saci	poço ['posu]	nasal
consoante surda	ç <u>a</u> sa ['kaze]	man <u>ç</u> a [ma'neke]	sonho	ç <u>a</u> pete [ta'petɪ]
consoante alveolar	ç <u>o</u> pete [to'petɪ]	te <u>l</u> evisivo [televi'zivu]	ho <u>r</u> a ['ore]	te <u>l</u> hado [te'ladu]
consoante lateral	s <u>l</u> ido ['solidu]	achado	ra <u>l</u> har [xa'fax]	asma
vogal baixa	ele	sap <u>o</u> ['sapu]	cebola [se'bole]	semente
consoante nasal	me <u>t</u> ido [me'tidu]	pal <u>i</u> to	ascen <u>ç</u> ão	ge <u>m</u> a ['zeme]
vogal posterior	amar	co <u>r</u> ar [ko'rax]	pu <u>l</u> o ['pulu]	asa
vogal nasal	te <u>m</u> e [te'mēɪ]	qu <u>i</u> nta ['kīte]	co <u>n</u> ta ['kōte]	abra
consoante tepe	ro <u>d</u> a	en <u>r</u> edo	ca <u>r</u> o ['karu]	po <u>d</u> re ['podrɪ]
vogal oral	ontem	est <u>a</u> va [iʃ'tave]	on <u>ç</u> a ['ōse]	pintam
consoante fricativa	ca <u>v</u> a ['kave]	ger <u>ad</u> o [ze'radu]	pl <u>o</u> tar [plo'tax]	f <u>ig</u> ado ['figadu]

Exemplo: Consoante oclusiva – caneça [ka'nɛkɐ] e poço [ˈposu]

9. Faça a transcrição fonética das palavras abaixo individualmente (uma separada da outra) e identifique todos os sons que constam de suas pronúncias (use o seu falar como base).

- o mar agitado [ˈmax] [aʒiˈtadu]
- o aves vorazes [ˈaveʃ] [voˈraʒiʃ]
- o casas iguais [ˈkazɐʃ] [iˈgwajʃ]

10. Agora, transcreva a pronúncia das palavras do exercício 9, considerando as palavras produzidas em sequência. Você observou que, em função das sequências de sons presentes nas elocuições, há uma modificação dos sons produzidos. Responda:

- a) Que sons (fones) foram modificados?
- b) Por que isso aconteceu?

[ˈmaraziˈtadu] a consoante fricativa velar transformou-se em um tepe, pois o seu contexto passou a ser entre duas vogais, já que a segunda palavra inicia por vogal.

[ˈaveʒvoʁaziʃ] a consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ], diante da consoante fricativa sonora [v] passa a consoante fricativa alveopalatal sonora [ʒ], já que a segunda palavra inicia por consoante sonora.

[ˈkazɐziˈgwajʃ] a consoante fricativa alveopalatal surda [ʃ] encontra-se entre duas vogais, passando assim a ser pronunciada como fricativa alveolar sonora [z], já que a segunda palavra inicia por vogal.

11. No exercício anterior, você percebeu que certos sons se modificam conforme o ambiente em que se encontram. Faça a transcrição fonética do parágrafo abaixo e indique os ambientes em que houve alteração do som em função da sequência sonora envolvida. Novamente use o seu dialeto como referência.

Pesquisas têm demonstrado que a consciência fonêmica está estreitamente relacionada ao sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita alfabética [...].

(exemplo: falar florianopolitano)

[pɐʃˈkizɐʃˈtêjdɐmõʃˈtradu#kɪɛkõsʃjêsjɛfoˈnemikiʃˈtaiʃtrejtamētixelasjoˈnadawsuˈsɛsɨdaprêdiˈzazêjdɛlejˈturɪdɛiʃˈkritawfaˈbɛtɪkɐ]

Capítulo “Fonologia”

1. Estabeleça, a partir da lista de palavras abaixo, quais são os sons com *status* de fonema, relacionando-os aos pares mínimos encontrados. Primeiramente, faça a transcrição fonética dos dados. Em seguida, observe quais são os ambientes comuns e, por fim, identifique os sons diferentes conforme a Tabela 1. Siga o exemplo:

chato [ˈʃatu]	dito [ˈditu]
cato [ˈkatu]	morre [ˈmoxɪ]
dato [ˈdatu]	porre [ˈpoxɪ]
morro [ˈmoxu]	tinta [ˈtĩtɐ]
torro [ˈtoxu]	cinta [ˈsĩtɐ]

vela ['vɛlɐ]	aro ['arɔ]
velha ['vɛʎɐ]	jato ['ʒatɔ]
Vera ['vɛrɐ]	fera ['fɛrɐ]

Tabela 1

Pares mínimos	Morre ['mɔxi] Porre ['pɔxi]	Vera ['vɛlɐ] velha ['vɛʎɐ]	chato ['ʃatɔ] jato ['ʒatɔ]	dito ['ditɔ] dato ['datɔ]
Ambiente comum	___ ɔxi	vɛ___ɐ	___atɔ	d___tɔ
Sons diferentes	m	l	ʃ	i
	p	ʎ	ʒ	a

2. Identifique, pelo menos, três alofones na transcrição a seguir e diga se são variantes livres ou posicionais.

[idētʃi'fikiuzalɔ'foniznetrɛʃkri'sɛwase'gix//i'dʒige//si'sɛwvariētʃiz'livri'zow pozisjo'najʃ]

[tʃ][dʒ] variantes posicionais, pois dependem da presença da vogal alta [i] para a palatização.

[ʃ] variante livre, pois não há nenhum contexto que provoque o aparecimento da fricativa alveopalatal surda.

[x] variante livre, pois não há nenhum contexto que provoque o aparecimento da fricativa velar surda.

3. Agora, usando as informações obtidas até aqui, você já é capaz de fazer o levantamento, através de uma análise fonológica, dos **fonemas consonantais** do PB. Para isso, considere que seu *corpus* de análise encontra-se no **Quadro 1**, a seguir. Faça a transcrição fonética dos dados do *corpus* e veja quais são as consoantes que podem ser consideradas com status de fonemas no PB a partir desse corpus.

Quadro 1: *Corpus* para análise fonêmica.

Corpus para Análise					
	Transcrição		Transcrição		Transcrição
pato	['patɔ]	fato	['fatɔ]	gato	['gatɔ]
bato	['batɔ]	velha	['vɛʎɐ]	assa	['asɐ]
topa	['tɔpɐ]	sono	['sonɔ]	sonho	['soɲɔ]
dopa	['dɔpɐ]	cato	['katɔ]	fera	['fɛrɐ]
fado	['fadɔ]	dito	['ditɔ]	minha	['mĩɲɐ]
nano	[nɛ̃nɔ]	vela	['vɛlɐ]	mano	['mɛ̃nɔ]
Tito	['titɔ]	mima	['mĩmɐ]	Vera	['vɛrɐ]
asa	['azɐ]	haja	['aʒɐ]	acha	['aʃɐ]

Lembre-se de que, para o levantamento dos fonemas, é preciso encontrar pares mínimos ou análogos. Para ajudá-lo, retomamos a seguir os critérios para a consideração de **sons foneticamente semelhantes**.

som vozeado e seu correspondente não vozeado	t/d – p/b – k/g – tʃ/dʒ – f/v – s/z – ʃ/ʒ – x/ɣ – h/ɦ
som oclusivo e sons fricativos e africados com o mesmo ponto de articulação	t/s – d/z – t/tʃ – d/dʒ – ʃ/tʃ – ʒ/dʒ
sons fricativos com ponto de articulação muito próximo	s/ʃ – z/ʒ – x/h – ɣ/ɦ
as nasais entre si	m/n – m/ɲ – n/ɲ
as laterais entre si	l/ʎ – l/ʝ
as vibrantes entre si	r/r
sons laterais, vibrantes e o tepe (tap)	r/l – l/r

Agora, liste pelo menos 4 **pares mínimos** que possam atestar o *status* de **fonema** aos sons que diferenciam as duas palavras que compõem esses pares mínimos como no exemplo apresentado no Quadro 2, a seguir. Quando houver alofones, também os identifique.

Quadro 2. Fonemas consonantais do PB

SFS	Transcrição ortográfica	Transcrição Fonética	Fonemas
t/d	topa/dopa	[' tɔpɐ] [' dɔpɐ]	/t/ – /d/
r/l	Vera/vela	['vɛrɐ] ['vɛlɐ]	/r/ – /l/
l/ʎ	vela/velha	['vɛlɐ] ['vɛʎɐ]	/l/ – /ʎ/
m/ɲ	mima/minha	['mĩmɐ] ['mĩɲɐ]	/m/ – /ɲ/
s/ʃ	assa/acha	['asɐ] ['aʃɐ]	/s/ – /ʃ/

4. Descreva estruturalmente as consoantes a seguir a partir de seus traços fonológicos.

- /t/ [+cons], [-soan], [+ant], [+cor], [-cont], [-voz]
- /p/ [+cons], [-soan], [+ant], [-cor], [-cont], [-voz]
- /f/ [+cons], [-soan], [+ant], [-cor], [-alt], [+cont], [-voz]
- /ʒ/ [+cons], [-soan], [-ant], [+cor], [-solt ret], [+voz]
- /z/ [+cons], [-soan], [+cor], [+cont], [+voz]
- /r/ [+cons], [+soan], [+ant], [-nas], [-lat]

5. Faça a transcrição fonética de suas produções de “r” nos vocábulos apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3. Distribuição do “r” forte e “r” fraco

Palavras	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
catar	[ka'tax]	/ka'taR/
querido	[ki'rido]	/ke'rido/
tranquilo	[trɛ'kwilo]	/traNk ^w ilo/
guria	[gu'rie]	/gu'ria/
guerra	['gɛxɐ]	/ 'gɛra/

guarda	[ˈgwaydɐ]	/ˈg ^w aRda/
gostar	[goʃˈtax]	/goSˈtaR/
girafa	[ʒiˈrafɐ]	/ʒiˈrafa/
caro	[ˈkaru]	/ˈkaro/
rota	[ˈxotɐ]	/ˈrɔta/
prato	[ˈpratʊ]	/ˈprato/
corta	[ˈkɔxtɐ]	/ˈkɔRta/
ator	[aˈtoɦ]	/aˈtoR/
honra	[ˈõhɐ]	/ˈoNra/
carreta	[kaˈxetɐ]	/kaˈreta/
prefere	[preˈfɛri]	/preˈfere/

6. Quais são as variantes que o seu dialeto apresenta?

As variantes são: r-fraco: [r] e r-forte: [xɣh]

7. Faça a transcrição fonética e fonológica das palavras com vogais nasais, conforme o exemplo apresentado no Quadro 4.

Quadro 4: Vogais nasais.

Palavras	Transcrição fonológica	Transcrição fonética
manta	/ˈmaNta/- /ˈmãta/	[ˈmãtɐ]
ponta	/ˈpoNta/- /põta/	[ˈpõtɐ]
quilombo	/kiˈloNbo/- /kiˈlõbo/	[kiˈlõbu]
encontro	/eNˈkoNtro/- /ẽˈkõtro/	[ĩˈkõtru]
limbo	/ˈliNbo/- /lĩbo/	[ˈlĩbu]

8. Separe e classifique as sílabas das palavras apresentadas no Quadro 3 quanto ao seu tipo silábico, como no exemplo: ‘catar’ /ka. taR/ cv. cvc.

/ke. ˈri. du/	CV. CV. CV
/traN. kˈwi. lo/	CCVC. CVˈV. CV
/gu. ˈri. a/	CV. CV. V
/ˈge. ra/	CV. CV
/ˈg ^w aR. da/	CVˈVC. CV
/goS. ˈtaR/	CVC. CVC
/ʒi. ˈra. fa/	CV. CV. CV
/ˈka. ro/	CV. CV

/ˈrɔ. ta/	CV. CV
/ˈpra. to/	CCV. CV
/ˈkɔR. ta/	CVC. CV
/a. ˈtoR/	V. CVC
/ˈoN. ra/	VC. CV
/ka. ˈre. ta/	CV. CV. CV
/pre. ˈfe. re/	CCV. CV. CV

9. Faça a transcrição fonética das palavras a seguir, identifique a sílaba tônica e classifique-as como oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Vocábulo	Transcrição fonética
astecas	[aʃˈtɛkɛʃ] Sílaba tônica [tɛ] – paroxítona
doloridos	[doloˈridʊʃ] Sílaba tônica [ri] – paroxítona
pasta	[ˈpaʃtɐ] Sílaba tônica [paʃ] – paroxítona
cósmica	[ˈkɔʒmikə] Sílaba tônica [kɔʒ] – proparoxítona
cafezinho	[kafɛˈzĩɲu] Sílaba tônica [zĩ] – paroxítona
desdém	[deʒˈdɛj] Sílaba tônica [dɛj] – oxítona
eficaz	[efiˈkaʃ] Sílaba tônica [kaʃ] – oxítona
belas	[ˈbelɛʃ] Sílaba tônica [bɛ] – paroxítona

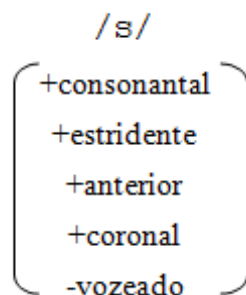
10. Observando os traços fonológicos apresentados no capítulo “Fonologia”, aponte quais traços distinguem somente as consoantes /p/ e /b/.

Veja um exemplo dos traços que definem somente as fricativas /s/ e /z/.

consonantal	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	r	ʀ	l	ʎ	m	n	ɲ
estridente							f	v	s	z	ʃ	ʒ							
anterior							f	v	s	z									
coronal									s	z									

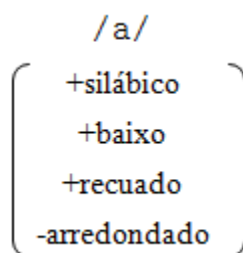
Se quiséssemos distinguir /s/ de /z/, o traço necessário seria o [-vozeado], já que /z/ é [+vozeado].

Observe a consoante /s/ e a sua descrição estrutural:



/p/ – /b/ → [+cons], [-soan], [+ant], [-cor], [-cont]

Veja a vogal /a/ e a sua descrição estrutural:



Agora descreva pelos traços distintivos as vogais posteriores.

/ɔ o u/ → [+sil], [+rec], [+arr], [-nas]

11. Classifique os processos que ocorrem nas sequências abaixo.

- a) lápis branco: sonorização
- b) despesas pagas: sonorização
- c) pinta, canga e acampa: assimilação de ponto de articulação
- d) livro – livo: reestruturação silábica
- e) lagarto – largato: permuta e reestruturação silábica
- f) fósforo – fosfru: enfraquecimento e reestruturação silábica
- g) cratera – cartera: permuta e reestruturação silábica
- h) pirulito – pilurito: permuta e reestruturação silábica

Capítulo “A Fonética, a Fonologia e o ensino”

1. Contando um caso!

“Um certo dia a filhinha de um pescador apareceu com o corpo crivado de manchas roxas, forte diarreia, trazendo as mãos e os pés sempre cruzados.

Seu Diolindo, o pai da criança, após haver dialogado com a mulher, resolveu procurar um doutor da cidade, para saber do que é que a criança estava sofrendo. Aconteceu que a vizinha do casal, a Sinhá Simpiliça, chegou na ocasião do diálogo e, como não podia deixar de ser, apresentou o seu palpite clínico bruxólico e comentou:

– Sô Diolindo, vancê me adescurpe, mági eu quero pidi licença sua e da sua muié, prá móde dá o mô parecê neste caso. Prô qui eu sê o senhôri vai gastá o seu tempo e dinheiro prá móde chegá inté na Vila Capitáli prá

pidi consurta do dotóri de lá. Ele vai arreceitá rumédo de butica pró móde que ele não tem cunhecimento desta duença que a sua filha tá sofrendo. Eu vô usá de franqueza cum vancês. A duença desta criança é empresamento e isto não é duença prá dotóri da cidade curá. Só se cura cás palavra que o Nosso Sinhôri insinô quando andô aqui pela terra. Memo ansim é perciso que a pessoa que tenha a virtude de usá as palavra Dele seja munto boa. Se não, não adienta nada. O sinhôri tome um cavalo e vá inté a Freguesia da Lagoa e traga aqui, prá móde curá a sua filha, a Chica do Mané Pedro Maré Seca. Aquela, sim, como binzidera arrecebeu toda graça do podê das palavra santa da santa binzidura que Deus dexô cá na terra. Vá, sô Diolindo, vá num preca tempo.

Seu Diolindo, então, foi buscar a Sinhá Chica. Chegaram no fim da tarde. Sinhá Chica iniciou imediatamente o tratamento, lançando um desafio:

– Ah! Antão estás aí assentada no canto da casa, sua discarada. Cumigo tu não tiras farinha não, sua mula-se-cabeça. Eu, cás minha santa palavra, vô currê cuntigo desta casa prá sempre. Vô te jogá no fundo do mári sagrado, onde o boi preto não berra, nem criança de peito chora.” (GUANDALIN, R. *Varição Linguística: o Discurso como prática social: oralidade, leitura, escrita, Literatura*. Disponível em: <<http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/livrodidatico.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2014.)

1) O que você conseguiu compreender da conversa entre Sô Diolindo, Sinhá Simpiliça e Sinhá Chica?

A filha de um pescador adoeceu. A mãe decide procurar um médico, mas a vizinha do casal tenta convencer os pais da garota que levá-la ao médico não é a melhor opção. A mulher acredita que os médicos não têm conhecimento da doença e que a cura só é dada a quem tem a virtude da palavra, no caso, a benzedeira. A benzedeira chegou e lançou uma reza para afastar a mula sem cabeça.

2) Transcreva os trechos do diálogo como se ela estivesse acontecendo na sua casa. Respeite as formas de falar das pessoas que convivem com você.

Seu Diolindo, o senhor me descupi, max eu que pidi licença pra sua mulhé pra mim conta essa história. O senhor vai gastá seu tempo e sua grana. Ele vai receitá um remédio. Essa minina tá é possuída e isso não é doença que médico cura. Só si cura com as palavra qui o senhor insinô quando esteve por aqui. O senhor pega um cavalo, vai até a Lagoa e traz aqui, para curar a filha. A benzedera cheia da graça, usó as palavra da santa da benzedura que Deus dexô aqui na terra.

3) Agora transcreva os trechos na “norma culta padrão” e analise quais são as diferenças. Quais são os elementos que somem e os que aparecem na língua falada em relação à escrita?

Senhor Diolindo, desculpe-me, mas peço licença à sua esposa para contar essa história. O senhor gastará seu tempo e seu dinheiro. O médico receitará e a menina está destemperada e isso não é doença que médico algum possa tratar. Essa doença só se trata com as palavras que o Senhor ensinou quando aqui esteve. O senhor pega o cavalo, vai até a Lagoa e a traz aqui para que ela seja curada. A benzedeira, cheia de graça, usou das palavras da santa oração que Deus nos deixou aqui na terra.

Observamos o apagamento do erre em posição de final de palavra e monotongação de vogais como em “benzedera” e “dexô”. Além disso, as vogais “e” e “o” em contexto átono final tendem a ser pronunciadas como “i” e “u”.

- 4) Observe que a língua falada da Sinhá Simpiliça não é a mesma que você descreveu. Você acredita que existe algum lugar em que se fala assim ou será que essa maneira de falar já não é mais usual? Você acredita que as línguas faladas mudam no decorrer dos anos? Discuta com os colegas como seus pais e avós falam e reflita sobre como a língua escrita está longe da nossa oralidade.

A língua falada por Sinhá Simpiliça certamente não é mais usada nos dias atuais, nem mesmo nas regiões interioranas do Brasil. Mas muito dessa língua influenciou e permanece na forma que falamos hoje em locais diversos do país. Se observarmos, a maneira como os nossos avós falam já é muito distinta da nossa, não apenas no nível do léxico, ou seja, das palavras, mas em relação à produção de segmentos específicos e aspectos prosódicos.

- 5) Discuta outras diferenças que você observa na língua falada e na língua escrita e crie hipóteses sobre por que as pessoas falam de maneiras distintas. Considere idade, região onde mora, locais como casa, trabalho e amigos.

A língua falada está sempre se movendo e a língua escrita é um código, muito mais rígido, que se move, mas muito mais lentamente. Esse é um dos motivos pelos quais temos tantas diferenças entre fala e escrita. Isso não quer dizer que houve um tempo em que elas eram exatamente correspondentes, mas os fenômenos fonológicos não acompanharam a escrita. O português que falamos hoje é fruto de nossas heranças colonizadoras. Guardamos grande parte da língua falada por portugueses que aqui atracaram em 1500. Mas os portugueses não estavam sozinhos. Os africanos e indígenas também deram uma forte contribuição para essa miscigenação linguística. Essas misturas deram origens a todos esses dialetos que existem hoje. Não se sabe muito bem como isso aconteceu, mas paulistas, gaúchos, nordestinos, cariocas, catarinenses, paranaenses e tantos outros povos que compõem o Brasil falam de uma maneira distinta e capaz de serem reconhecidas. No entanto, não é só a região que define uma forma de falar. Estudos indicam que as mulheres guardam características femininas na sua fala. Além disso, quando pertencemos a algum grupo específico, como de skatistas ou de rappers, desenvolvemos uma linguagem restrita. A verdade é que temos várias formas de falar. Não falamos com a nossa família da mesma maneira como falamos com amigos, muito menos nas relações de estudo ou trabalho. A sociedade está sempre nos exigindo posturas diferentes para situações diferentes e isso implica a maneira de falar também.

2. Leia as piadas e responda às questões.

Piada 1: Na roça

Um homem que morava na cidade sentiu vontade de sentir o cheiro do mato. Ao chegar lá no interiorzinho, onde vivia seu compadre Bastião, foi encontrá-lo na roça. Depois de muitas conversas resolveu brincar de antônimo com o compadre Bastião:

— Compadre sabe o que é antônimo?

— num sê não.

— É o oposto, vou dar uns exemplos. O antônimo de gordo é magro, de fraco é forte, de rico é pobre. Entendeste?

— Agora eu já sê cumpade! E vou lhe proguntar:

— Ocê sabe o antônimo de fumo?

— mas... fumo não tem antônimo, fumo é o que você planta.

— É não sô... o contrário de FUMO é VORTEMO.

(Disponível em: <<http://mundolettras2009.blogspot.com.br/2008/11/piada-para-trabalhar-variaes-lingsticas.html>>. Acesso em: 23 ago. 2014.)

Piada 2: O mineiro

Perguntaram ao mineiro: — Diz aí um verbo! Ele pensou, pensou e respondeu indeciso: — Bicicreta. — Não é bicicleta, seu mineiro burro, é bicicleta. E bicicleta não é verbo! Perguntaram a outro mineiro: — Diz você aí um verbo! Ele também pensou, pensou e arriscou ressabiado: — Prástico. — Não é prástico, ô mineiro burro, é plástico. E plástico não é verbo! Perguntaram a um terceiro mineiro: — Diz aí um verbo! Esse aí nem pensou: — Hospedar. — Muito bem! Até que enfim um mineiro inteligente. Agora diga aí uma frase com o verbo que você escolheu. O mineiro encheu o peito de coragem e mandou bala: – Hospedar da bicicleta são de prástico!

(Disponível em: <<http://www.mundodaspiadas.net/c/mineiro>>. Acesso em: 23 ago. 2014.)

Piada 3: A Alfaiataria e o profêssor de Português.

O professor de português, recém-chegado naquela cidadezinha, resolve fazer um terno. Ao passar por uma alfaiataria, ele lê o letreiro: “Arfaiataria Aguia di Oro”. Ao entrar, ele cumprimenta o proprietário e, tentando ser gentil, tece um elogio: – Parabéns! Gostei do nome que você colocou na sua loja. Águia de Ouro! É um nome imponente! O caipira olha para ele com ar desconfiado e responde: – Discurpi seu dotô! Pode ser imponente, mas o sinhô falô errado. Não é “Águia di oro” e sim “Agúia di oro”!

(Disponível em: <<http://www.mundodaspiadas.net/page/1576>>. Acesso em: 23 ago. 2014.)

Após ter lido as três piadas, respondas às questões:

- 1) Em cada uma das três piadas percebemos que temos personagens que falam “errado”. Que tipo de “erro” essas pessoas cometem quando falam?

Na primeira piada, Bastião usa “fumo” e “vortemo”, ou seja, um “erro” de conjugação verbal. Na segunda piada, os mineiros pronunciam “bicicreta”, “prástico” e “pedar”. Trata-se de trocas de fonemas, ou

seja, onde se esperava a realização de um “l”, foi realizado um “r”. Note que o “r” de “bicreta” e de “prástico” não é o mesmo “r” de “pedar”. Na terceira piada, o alfaiate troca o “lh” por “i”.

- 2) Na Piada 1, temos a palavra “vortemo”, na Piada 2, “prástico” e “bicicreta” e na Piada 3, “aguia”. Como essas palavras são grafadas corretamente? Que tipo de troca esses falantes fazem? Você poderia dar outros exemplos de palavras que geralmente são produzidas desta forma?

Na primeira piada, Bastião usa “fumo” para “fomos” e “vortemo” para “voltamos”. A frase “nós fomos e voltamos hoje”, considerada adequada pela norma culta padrão da nossa língua, na variante falada por Bastião seria “nós fumo e vortemo hoje”. A palavra “fumo”, quando grafada desta forma, significa folhas de tabaco preparadas para fumar. Nós só conseguimos entender a piada porque a palavra “fumo”, neste caso, está dentro de um contexto.

Na segunda piada, os mineiros pronunciam “bicicreta” e “prástico”, para “bicicleta” e “plástico”, respectivamente. Nota-se que trocam o “l” do encontro consonantal pelo “r”. Esse tipo de troca é bem comum no português brasileiro e esse fenômeno fonológico é chamado de rotacismo. É o que acontece com “brusa” para “blusa” e “framengo” para “flamengo”. Já o terceiro mineiro realizou o que a fonologia do português chama de juntura, ou seja, juntou duas palavras que se sucedem, que é o que fazemos quando falamos coisas do tipo “o[z]amigos”. Mas o mineiro pronunciou “ospedar”, ou seja, o artigo está no plural (os) e o substantivo (pedal) no singular. Também trocou o “l” pelo “r” (agora o “r” dito caipira). A juntura feita pelo mineiro nos remete ao verbo “hospedar” que é pronunciada da mesma maneira. Novamente, só entendemos a piada quando o que foi dito está dentro de um contexto maior, no caso a frase.

Na terceira piada, o alfaiate escreveu na placa a palavra “agulha”, mas o fez da forma como ele a pronuncia. O alfaiate troca o “lh” por “i”. Certamente, você já ouviu “muié” para “mulher”, “fia” para “filha” e “cuié” para “colher”. Esse também é um processo encontrado no português brasileiro.

- 3) Na Piada 1, a situação se passa no “interiorzinho”, na Piada 2, o personagem principal é um mineiro e na Piada 3 temos a conversa entre um alfaiate e um professor de português em uma “cidadezinha”. Discuta as possíveis relações de preconceito quando atrelamos um jeito de falar a um tipo de pessoa, uma região ou profissão. Cite outros exemplos.

Estamos a todo o momento atrelando uma forma de falar a um grupo ou a uma região específica. Infelizmente, as diferenças são, na maioria das vezes, marcadas pejorativamente, como podemos perceber nos diminutivos “interiorzinho” e “cidadezinha”. As produções orais não previstas pela norma culta padrão ou não contempladas nas mídias são tidas como feias, incorretas e engraçadas, como o falar caipira. Em uma novela, por exemplo, o empresário bem sucedido raramente tem sotaque nordestino ou caipira. Essas duas variantes pertencentes ao português brasileiro também não aparecem na fala dos jornalistas ou apresentadores de televisão.

Os processos linguísticos, como esses vistos nas piadas, embora conhecidos e compreensíveis são formas extremamente estigmatizadas. Produções que trocam o “l” pelo “r” em encontros consonantais, como em bicicleta para bicicleta, por exemplo, são processos amplamente estudados pelos linguistas que apresentam hipóteses que as justificam. Bagno (2011) atenta para aspectos da história da língua. O vocábulo “branco”, por exemplo, teve origem na palavra germânica “blank”. Assim como “cravo”, “fraco” e “praga”, que são originárias das palavras latinas “clavu”, “flaccu” e “plaga”, respectivamente. Com podemos observar a língua se transforma. Encaremos então que o encontro consonantal realizado com “l” é um aspecto “estrangeiro” e que precisa ser assim encarado dentro da sala de aula. Mas, a questão não é apenas linguística. Ela é político e social porque está atrelada a uma camada desprestigiada (Bagno, 2011: 56-62).

Podemos citar inúmeros outros fenômenos linguísticos que aparecem na fala e refletem na escrita, como o apagamento do /R/ em final de palavra (comer>come, corredor>corredo), apagamento da marca de plural (as mesas>as mesa, os pastéis>os pastel), monotongação e ditongação (cadeira>cadera; três>treis), apagamento do /d/ em algumas variantes (pagando>pagano), a despalatização ou a semivocalização (mulher>mulé, muié) etc. Observe que alguns desses fenômenos são realizados por todo tipo de pessoa, independentemente da idade, do grau de escolaridade e do local onde vive.

O que parece, então, é que, infelizmente, a nossa sociedade tem a crença da existência de um português “puro”, “homogêneo”. É esse português sem características sociorregionais que tem sido sinônimo de *status* e prestígio e que desmerece o rico leque de marcas de registros culturais encontradas nas variantes da nossa língua.

- 4) Se você prestar bastante atenção, mesmo professores ou pessoas que estudaram não falam do jeito que escrevem, porque a escrita é um código separado da fala. A fala é carregada de influências. Se vivemos em São Paulo falaremos de um jeito, se moramos no Rio de Janeiro falaremos de outro. Em casa temos um tipo de falar diferente daquele que temos com amigos ou com professores na escola. É normal o “o” átono que finaliza palavras seja pronunciado como “u”, como em “pato” que vira “patu”. Também juntamos palavras, como em “os amigos” que vira “ozamigus”. Escreva frases da maneira como falamos, prestando atenção em cada som e como eles se juntam e compare com a forma escrita.

Tente ler a frase abaixo:

“U mininucumeutreixpãeixcumãtegamuinturapidu nu café da manhã. A tardji foi faze umezamidjvixta. Na voutacumeuarroix cum ovu e xupo uma laranjazedá”

Tradução: o menino comeu três pães com manteiga muito rápido no café da manhã. A tarde, foi fazer um exame de vista. Na volta, comeu arroz com ovo e chupou uma laranja azeda.

Primeiramente, já podemos perceber que, embora a escrita seja uma tentativa de reproduzir a nossa fala, falamos de uma maneira muito distinta daquela que escrevemos. As letras não representam fielmente um som único e específico. A palavra “exame”, por exemplo, foi transcrita como “ezami”. Notemos que a letra “x”, nesse caso, tem o som de “z”, mas a palavra “três”, grafada com “s” foi transcrita “treix”. Nesse caso, é o “s” que tem som de “x”.

A partir dessa tentativa, nada fácil, de transcrever uma frase do jeito que falamos, podemos inferir que o possível falante é um carioca. Como chegamos a essa conclusão? Percebemos que as palavras cujas sílabas terminam “s” ou “z”, como “três”, “pães”, “vista”, “arroz”, são transcritas com “x”, dando a entender que os sons saíram chiados, produções encontradas tanto no falar dos cariocas quanto dos florianopolitanos. No entanto, o carioca insere um “i” diante desse som chiado, como em “treix” e “arroix”, que seriam pronunciadas por um florianopolitano como “trex” e “arrox”.

Outra diferença entre o falar carioca e o florianopolitano está na realização de “d” e “t” diante de “i”. O carioca pronuncia “dji”, enquanto o florianopolitano, geralmente, pronuncia “di”.

Essas são características dessas duas variantes do português (carioca e florianopolitana), mas podemos notar processos comuns à maioria dos falantes. Notamos, por exemplo, que as vogais “e” e “o” átonas finais são pronunciadas como “i” e “u”, respectivamente (ex.: rápido>rápido e exame>ezami). Observamos o apagamento do “r” do infinitivo (fazer>faze), casos de monotongação (manteiga>matega, chupou>xupo) e uma justaposição de vogais (laranja azeda>laranjazeda).

Podemos inferir que o português escrito é um código que nem sempre corresponde à língua falada. A oralidade, por sua vez, apresenta alta gama de possibilidades determinadas por inúmeras variáveis como questões ligadas à própria língua, sócio-históricas, geográficas dentre outras.